

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

2ª SÉRIE
Nº 892

24 MARÇO
1923



ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»

Redação, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 40—LISBOA

Numero anuário, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHIA: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00
Ano 52\$00—COLONIAS PORTUGUESAS:
Semestre 28\$50. Ano 57\$00.—ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.



Fornecedores dos Restaurants da Companhia Wagons-Lits

ARMAZEM DE VIVERES

José de Pinho Costa & C.^a (F.^o), Ltd.^a

69, RUA DA BITESGA, 73

(Primeiro quarteirão vinco da Rua Augusta)

Especialidade em pasteis de Belem e doces de Cascaes

LISBOA

Telephone C. 2861



BEBAM AGUA

de

S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

Secção Editorial de "O Seculo,"

Enciclopedia Popular Illustrada Porque, como e para que

Coleção de romances ilustrados

A' verda nos logares do costume

Pedidos á administração de O SÉCULO

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE

Por Correspondência

—Peçam os prospectos do Instituto Nacional de Ensino por Correspondência.

—L. Trinda-de Coelho, 6, Lisboa, e as condições para a matricula nos cursos nêle professados.

—Este Instituto tem alunos em todo o continente, Ilhas, Colonias, Brazil, Estados Unidos da America, e outros paizes.

**Perfumaria
Balsemão**

141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Vae a Paris???

Não deixe de ir ao Restaurant PORTUGAL rendez-vous da colonia portu-
guezza 167, Rua Montmartre, ao lado
dos grandes boulevards. Proprietario:
Barbosa Araujo Cosinha e pastelaria.
portuguezza. Os melhores vinhos de
PORTUGAL. Pessoal portuguez. Onde se
come melhor e mais economicamente.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas
officinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA"

Rua do Seculo, 43—LISBOA



A *poule* hípica realçada, no passado dia dezasete, no campo de obstáculos anexo ao picadeiro Miranda, decorreu brilhantemente, tendo as provas interessado a seleta assistência, entre a qual se encontravam famílias da nossa melhor sociedade.

A primeira prova a disputar-se foi *Honinnum* em que tomaram parte os cavalos: *Rajah, Quebec, Marco, Ena Pai Silvo, Fetcher, Fakir, Bright, Bonaparte* e *Armanar*, montados pelos srs.: Fernando Ferrão, Fernando Galvão, Antonio Gomes, Pedro Alvares, R. Cardoso, João Controlas, Costa Pina, Hogan Teves e Ernst Nolte.

O primeiro premio coube ao *Marco*, montado pelo sr. Antonio Gomes, tendo obtido as segunda e terceira classificações os cavalos *Bonaparte* e *Armanar*, montados pelos srs. Ernst Nolte e João Controlas.

A prova *A zonas*, que foi rijamente disputada, entusiasinou a assistência, pois o resultado foi verdadeiramente inesperado: a victoria de D. Palmira Telxeira, a disputa do velho professor Miranda, que menos tempo tem de ensino. Esta senhora, montando o cavalo *Bonaparte*, classificou-se em primeiro lugar, tendo feito o percurso sem faltas, pelo que foi muito ovacionada. Obtiveram o segundo lugar, *ex aequo*, D. Joana Oom e D. Ana Telxeira,

que montavam, respectivamente, o *Garoto* e o *Jockey*. Para desempate foram convidadas a novamente correr a prova, conseguindo cada uma das concorrentes fazer o percurso sem faltas, pelo que, como se não marcavam tempos, ao que n's pareceu, foi proposto pelo professor Miranda a prova da dupla cancela curva, sendo da to o segundo premio a D. Ana Telxeira. A D. Joana Oom coube a terceira classificação.

Na prova *Parellhas*, terceira e ultima da *pou'e*, os resultados foram muito transtornados pela má forma d'alguns dos cavaleiros, que bastante prejudicaram os

seus grupos, aparentando grande perturbação, que só se pode attribuir á presença das gentis amazonas, que, praticando o *sport* com entusiasmo, nem por isso nos pareceram menos femininas que as estíliadas apreciadoras da literatura e cinema morbidos e doentios.

Os grupos classificados foram pela sua ordem: D. Maria Cristina Colaço e Fernando Ferrão, que montavam os cavalos *Bright* e *Rajah*; D. Maria Luiza Ravara e Antonio Gomes, no *Armanar* e no *Marco*; D. Joana Oom e F. Galvão, no *Garoto* e no *Quebec*.

No final da festa foram muito aplaudidos o professor Miranda e os seus alunos.

— Dos desafios de *foot-ball Association* pouco ha a dizer, pois os jogos decorreram monotonos e falhos de interesse.

O *Victoria* venceu o *Casa Pia* por 3 goals a 1, tendo-se apresentado, qualquer dos grupos, com elementos de categorias inferiores.

No final da primeira parte o resultado era 1-1 a favor do *Casa Pia*, goal obtido na marcação dum *penalty*. Foi no segundo tempo que o *Victoria* meteu as suas tres bolas, sendo a ultima derivada da marcação duma grande penalidade.

No encontro *Carcavelinhos-União*, o primeiro grupo conseguiu bater o seu adversario por 4 bolas a 2.

No final do primeiro tempo os dois *teams* tinham empatado por 2-2, sendo na segunda parte que o *Carcavelinhos* acentuou o seu dominio.

— Os encontros entre escolas superiores, que se realizaram, tambem no passado domingo, para a disputa da *Taça Guilherme Pinto Bisto*, tiveram as seguintes classificações: O Instituto Superior Tecnico venceu a Faculdade de Direito por 6 a 1 e a Faculdade de Sciencias bateu o Instituto Superior do Comercio por 4 bolas a 2.



O 1.º team do Casa Pia Athletic Club que, na Figueira da Foz, no passado dia 11, venceu a Associação Naval 1.º de Malo, por 4-0, e, no dia seguinte, a Seleccção Figueira, por 5-0

D. C.

Lar



MENÚS DA SEMANA

Domingo

Almoço
Salchichas com couve
lombarda
Ovos á burgueza
Café com leite

Jantar
Sopa de ervilhas
Pargo cozido com batatas
Frango com ervilhas
Pudim de ameixas

Segunda feira

Almoço
Coelho com arroz
Ervilhas ao natural
Café com leite

Jantar
Sopa de massa
Croquetes de batata
Vitela estufada com couve flor
Pudim de laranja

Terça feira

Almoço
Linguado frito com batatas fritas
Costeletas de vitela com espinafres
Café com leite

Jantar
Sopa de grão com espinafres
Croquetes de carne
Frango assado com salada de chicorea
Pudim de fogo

Sabado

Almoço
Bacalhau guisado
Omelete ao natural
Café com leite

Quarta feira

Almoço
Pastéis de bacalhau
Rim de porco á nor-manda
Café com leite

Jantar
Sopa de peixe
Filétes de pescada com puré de batata
Pato com arroz
Bolo de família

Quinta feira

Almoço
Filétes de pescada com salada de chicorea
Ovos com presunto
Café com leite

Jantar
Sopa de hortaliça
Pastéis de carne
Carneiro assado com batatas e grelos cozidos
Torta de ginjas

Sexta feira

Almoço
Peixe espada grelhado com salada de batata
Arroz de peixe espada
Café com leite

Jantar
Sopa de puré de feijão com hortaliça
Peixe espada frito com salada de alface
Costeletas de porco com puré de batata
Pudim economico

Jantar
Sopa de nabos
Pastéis de camarão
Carne assada com batatas e couve flor
Pudim de nozes

A HIGIENE DA PRIMAVERA

A primavera activa a circulação. Esta quadra do ano é especialmente perigosa aos tuberculosos e aos temperamentos sanguíneos. As grandes mudanças de temperatura desta estação predispõem á coriza, á bronquite, ao reumatismo e ás anginas, as pessoas que aos primeiros dias de sol deixam os seus fatos de Inverno. O sol na primavera causa dores de cabeça e eritemas. Nesta quadra do ano, o estomago reclama uma alimentação mais vegetariana, capaz de descongestionar o fígado e a circulação abdominal cansados da alimentação azotada do Inverno. E' com o auxilio do regimen vegetariano e frugivoro que nos defendemos da gota, das colicas hepaticas, do eczema, etc., cujas recaídas coincidem frequentemente com o principio da primavera.

A CARA DO FUMADOR

Todos sabem que o vicio do fumo, especialmente o uso do cachimbo, tem certa influencia sobre os musculos faciaes, pela simples razão de que o fumador fuma sempre da mesma maneira, trazendo o cachimbo sempre do mesmo lado da boca e segurando-o entre os dentes duma maneira especial propria para cada individuo.

Esse costume faz com que pequenas rugas apareçam aos lados da boca, perto das commissuras labiaes, e pequenas pregas nos labios no ponto em que sustentam o cachimbo. Razão esta que nos explica porque os fumadores de cachimbo tem uma apparencia de mais velhos do que são realmente.

A cara do fumador de cigarro não apresenta rugas, mas distingue-se pelo ar nervoso e pela irritavel dilatação das narinas.

O fumador de charuto, apresenta pouco mais ou menos as mesmas rugas que o fumador de cachimbo.

PESCANDO COM TEIAS DE ARANHA

Sem exagero: entre as curiosidades das ilhas do Pacifico, ha umas aranhas da tamanho de uma avelã, com patas pretas e cobertas de pelos que tecem umas teias que chegam a ter cerca de dois metros de diametro. São grossas e muito resistentes, de forma que os indigenas aproveitam estas aranhas para que lhes façam as suas redes.

Nos bosques, logares onde mais abundam estas aranhas, colocam largas canas de bambú formando arcos. Em pouco tempo a aranha tece all a sua teia, e sem mais trabalho o indigena tem o seu aparelho de pesca, pois esta teia de aranha resiste á pressão da agua e ao peso de grandes peixes.

CUIDADO COM OS INSECTOS

Ha varias classes de pulgas e quasi todas elas transmissoras de doenças. Por isso, nós devemos englobar no nosso odio implacavel estes horribéis insectos, perseguindo-os sem descanso.

As moscas, os mosquitos, e todos os parasitas repugnantes são veiculos dum grande numero de doenças de que é preciso combater a propagação. O que facilmente se consegue com uma higiene cuidada.

CALENDARIO DA SEMANA

Março—31 dias

- 25 — Domingo — An. de N.º Sr.ª (Ramos)
- 26 — Segunda feira — S. Ludgero
- 27 — Terça feira — St.ª Doroteia
- 28 — Quarta feira — S. Roberto (Trevas)
- 29 — Quinta feira — S. Quirino (Endoenças)
- 30 — Sexta feira — João Climaco (Paixao)
- 31 — Sabado — St.ª Balbina (Aleluia)

Iconografia de Jesus Cristo



O CALVARIO

Annibal Carrache
(Seculo XVI)

O maior pintor
da Escola Bolonheza



—E quando foi que deu por que me amava?...
—Quando começou a aborrecer-me ou vir a dizer que o senhor era feio e estúpido...

(De *London Opinion.*)



—Mas... meu caro senhor... o criado não está incluído na conta...?
—Porventura comi, eu, o criado?!

(De *Punch.*)



O medico—Trata-se d'uma doença hereditária...

O doente—Então, doutor, mande a conta a minha família...

(De *L'Intrusgeant.*)

SEARA ALHEIA

O cavalo fascista



Uma voz—Eh! Victor Manuel, onde vaes?
O rei de Italia—Isso queria eu saber!..

(De *Kladderadatech.*)



—Tornaste a deixar a jaula aberta, estúpido! E os leões expostos a serem roubados pelo primeiro que passar!..

(De *Bueno Humor.*)



—O que foi?... Meteu-se-me na cabeça demonstrar, a minha mulher, que a mulher é mais fraca que o homem... mas os seus argumentos foram mais poderosos que os meus!..

(De *Le Petit Journal.*)



—É este americano que inventou um leite vegetal?!

—Ora adeus! Como se não fosse também com vegetais que as minhas vacas fabricam o seu!..

(De *Le Petit Journal.*)

OS BAILES MODERNOS



—V. ex.ª gosta muito de dançar!...

—Muito, muito... e mais alguma coisa!...

—Queira falar um pouco mais alto, meu caro senhor, pois com esta musica não ouço patavina!

—Esta noite, ás 2 horas, meu querido, ao canto da arcada do jardim...

Musica a toda a brida!

—Já ouvi esta musica?!

—É a «Marcha Fúnebre» de Chopin, adaptada por um maestro norte-americano...

A queda de um anjo... sobre um sobrado encerra do!..

(De *le Main.*)

Libra Poética



João Reis
1923

SONETO
INÉDITO DA INSPIRADA
AUTORA
DO
LIVRO
«INTERROGANDO...»
E
RETRATO,
TAMBÉM INÉDITO,
DA MESMA
POR
SEU IRMÃO
O ILUSTRE PINTOR
JOÃO REIS

NUVENS...

Vai a nuvem subindo, vai crescendo
Parece que já tóca nas estrelas,
E eu fico-me scismando por não vê-las,
Que a mim talvez melhor me fique vendo...

Mas se a luz dos meus olhos foi prendendo
O meu sentido á luz de todas elas,
A nuvem que subiu para esconde-las
Parece que me vai consigo erguendo...

E de scismar no brilho em que me oculto,
Já não distingo a sombra do meu vulto
Nem a terra de sonho aonde vim.

Mas afinal desperto; e vou sentindo
Que essa nuvem conforme fôr subindo
Irá mas é descendo sobre mim!

1921

Maria Leonor Reis.

PAGINA

MUSICAL

O SOM DOS SINOS

Grleg

Andante
pp sempre

pp

ppp

pp

ppp

cresc poco a poco

sempre piu cresc

mollo

fff

dim mollo e poco cresc

Tempo I

pp

dim

pp

morendo

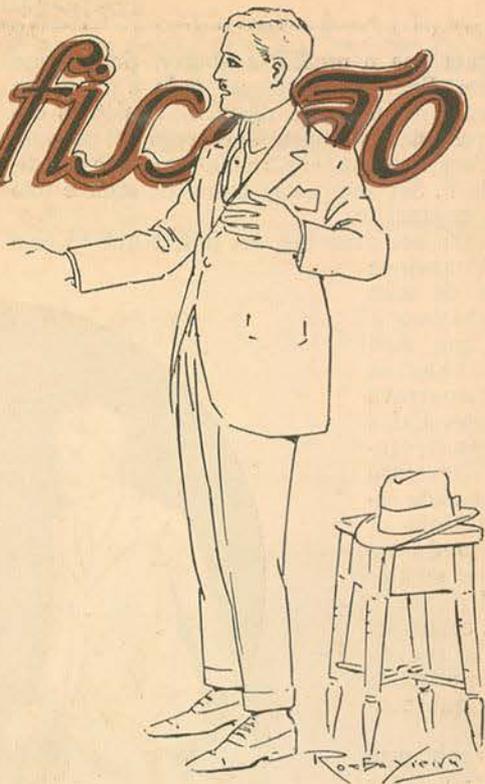
ffz

pp

1

A Confissão

Ao GASPARD DA ROCHA



TERMINADA a acusação, formulada em termos asperos pelo delegado do Ministerio Publico, o juiz deu a palavra ao defensor officioso. Foi um discurso frouxo, meia duzia de frases vulgares, ditas entre dois bocejos, num ar de compaixão que já não iludia ninguém, á força de conhecido.

Ninguém as ouviu, nem eram ditas para que as ouvissem. Audiencias daquelas não distraem os «habitués» e, por isso, se notava em todos os rostos um ar de enfado, que contagiou os jurados e, dir-se-ia, que o proprio réu.

O crime fizera um certo ruído, mas esquecera. Por isso a concorrência era diminuta. A sala parecia mais fria e mais negra, como se a luz triste daquela tarde, coada por vidros sujos de poeira, lhe dêsse todo o aspecto de um carcere.

Quando o juiz, voltando-se para o réu, lhe perguntou, segundo a praxe, se tinha alguma coisa a alegar em sua defeza, o rapaz levantou-se e falou:

— Nada do que aqui se contou é verdade. O que os jornais disséram também não é verdade. O caso, o meu caso é simples e passou-se assim: quando eu a conheci foi ha tres anos; encontrámo-nos uma noite no teatro e gostámos um do outro. Segui-a até casa, em Almirante Reis, e namorámo-nos. Um namoro longo, em que entravam muito sonho e muita ternura, tão honesto, que nunca me atrevi a pedir-lhe um beijo sequer. Eu gostava dela e o meu maior desejo era fazer dela minha mulher. No entanto, o casamento não poderia realizar-se logo. A minha situação não era invejavel e precisava de trabalhar, de preparar-me para o futuro, pois não podia arranca-la do conforto do seu lar e leva-la para junto de mim, na perspectiva de necessidades de toda a especie.

Trabalhei afincadamente e, pouco a pouco, consegui o que desejava. Ela mostrava-se encantada comigo, sentindo-lhe eu a anciedade que a tomava, a pressa de chegar, o desejo de vir para mim, na beleza estonteante que Deus lhe déra, na frescura adoravel da sua mocidade, que era todo o meu enlevo.

Quando pude, comecei a arranjar os papeis. Foi um alvoroço nas nossas almas e foi com lagrimas de alegria que marcámos a data do casamento.

Deixe-me que lhe diga, sr. juiz, que experimentei a felicidade, essa felicidade que eu tanta vez supozera que não existia, nas longas, ne-

gras horas da minha soledade, perseguido pela fatalidade, mal ganhando para comer, arrastando entre lagrimas o meu abandono, sem o carinho nem o interesse de ninguém! Por isso, ao vêr-me desejado, me senti feliz.

Um dia, porém, notei que ela andava triste. Cuidei que estivesse doente e interroguei-a. Que sim, que andava adoentada, mas que não era nada de cuidado.

Fiquei afflicto e toda a noite nem dormi. Na manhã seguinte e, durante dias consecutivos, a sua tristeza manteve-se. Via-a apreensiva, como que a fugir-me, estremecendo quando a interrogava. Doía-me o coração e, quantas vezes, eu, apesar de tudo rapaz do meu tempo, desejei a morte, como nos bons dias em que se morria de amor.

Até que, uma tarde, ela pediu-me que no dia seguinte a esperasse no meu quarto. Iria lá ter comigo. E retirou-se, sob o pretexto de que não podia ter-se em pé.

Estranhei o pedido. Ela nunca lá fôra, saía sempre com a mãe, levava uma vida recatada, que era um exemplo...

De facto, ao meio dia, descobria-a, subindo a rua e entrando apressadamente na minha escada. Corri para ela, como se tivesse medo que me fugisse. E ao notar-lhe nos labios o seu sorriso habitual, tranquilizei-me.

Entrámos. Ela fechou a porta, tirou o chapéu e, entregando-me um rolo, disse-me naturalmente:

— São os nossos papeis de casamento. Não servém para nada. Não podemos casar-nos.

Julguei que o predio ia abater. Segurei-me ao leito. Senti-me arrefecer todo e nem uma palavra tive para lhe dizer. Só instantes depois, passada a vertigem, lhe perguntei porquê.

—Porque— e a voz tremia-lhe— não sou digna de ti. Sei que gostas muito de mim e não quero enganar-te.

Eu não sei dizer-lhe, sr. juiz, o que se passou. Vi abrir-se diante de mim um abismo e senti que mão desconhecida me empurrava para ele. Caí e rolei, rolei, tendo a impressão de que cada segundo tinha a duração de seculos e seculos de infortunio.

Ela calára-se. E foi só quando me viu abrir os olhos, que continuou:

— Venho procurar-te, porque, não podendo ser tua mulher, mas aman-

do-te também muito, quero ser a tua amante. Hoje, de espirito tranquilo, teria aceitado. A vida é assim, e não como queremos que ela seja. Mas, naquele momento, estas palavras foram a derrocada final. Um odio fundo, inverosímil, cresceu dentro de mim. Podia ter experimentado nojo, expulsa-la, fugir dela e de mim. Teria sido melhor. Mas foi odio, odio

que eu senti. E, sem lhe dar tempo a gritar, agarrei-a pelo pescoço e apertei, apertei, apertei, contente por vel-a escabujar debaixo de mim, sem lhe ouvir um queixume, uma palavra de perdão ou de arrependimento.

Quando a larguei estava morta. O resto já o sr. juiz o sabe pela leitura do processo...

MARIO

SALGUEIRO



DENTIFRICOS
dos RR PP

BÉNÉDICTINS

DE SOULAC

ELIXIR

PÓ



PÓ

SABÃO
EM CAIXAS DE ALUMINIUM

REELLEMENT FRANÇAIS



SABÃO
CAIXA ALUMINIUM

PASTA
EM CAIXA E EM BISHAGA

PASTA-SABÃO
EM CAIXA E EM BISHAGA



PASTA ou PASTA-SABÃO



A iconografia de Jesus Cristo

DE tempos remotos se tem enunciado este problema — «Existe retrato autentico de Jesus Cristo?» E nunca a pergunta conseguiu resposta affirmativa.

Os grandes mestres, como S. Agostinho (*De Trinitate VIII — 4 e 5*) e S. Jeronimo, (*Adv. Jansen 1 — 25*) categoricamente affirmam não ter sido conservado o tipo fisionomico do fundador do cristianismo.



A descida da Cruz, quadro de Quintino Massys (Seculo XVI). (A melhor obra do autor, salva do furor dos Calvinistas e mais tarde d. s revolucionarios de 94)

Vetustas tradições aludiam a retratos contemporaneos ou quasi contemporaneos, como o pertencente ao Rei de Edusa que dizia ter-lhe sido ofertado pelo proprio Cristo. Contudo taes tradições não se abroquelam com o rigor historico e a critica tem de as pôr de banda.

Eusebio da Cesaréa, justamente cognominado o Pae da Historia Ecclesiastica, refere-nos a existencia de retratos de Cristo, só no tempo de Constantino.

Mas nesses retratos, continua o doutor de Hypena, ha muito da iniciativa pessoal dos pintores.

O mais antigo e porventura o mais autorisado retrato de Jesus Cristo é o que se vê numa capela do Cemitério Calisto, do segundo seculo, no estilo das *imagines clypeatae* dos romanos.

Segundo o dr. Labor nos *Annal de philosoph. Chret.* XXI, 357 e outros autores de monta, esta imagem constitue o ponto de partida da forma hieratica tradicional, aproveitada pelos subsequentes, e a inspiradora dos grandes iconografos de Cristo, Leonardo de Vinci, Raphael e Carracheo.

Desenhou-a o pintor a seu talante, guiado pela sua inspiração propria, ou serviu-se de dados correntes nas massas cristãs? Tudo leva a crer que a segunda hypothese é a mais verosimil.

Entre as varias tradições vigorava a da Carta de Publius Lentubios ao Cesar, que se não é de incontestavel autenticidade, é de comprovada antiguidade, se não coeva de Jesus, é do tempo dos seus discipulos e das primitivas cristandades.

Nessa carta descreve-se a fisionomia de Jesus Cristo. O seu cabelo tem na raiz até ás orelhas uma cor de nóz madura e de aí até aos hombros é de um oiro brilhante. O cabelo é apartado ao meio segundo o uso do tempo. De equal cor é a barba ondeada, e comquanto não comprida é apartada e ponteaguda.

E' precisamente este o tipo de S. Calixto, que passou para o periodo bizantino, e se vê nos sarcofagos de La-trão, attribuidos ao seculo de Juliano.

Encontra-se reproduzido no baptisterio de S. Ponciano, e em varios mosaicos de Roma e Ravena, do 4.º, 5.º e 6.º seculos, S. Constança, S. André in Barbara, S. Cosme e S. Damião, S. Praxedes, S. Maria e S. Miguel de Ravena.

Posteriormente aparecem as representações iconograficas de Cristo referentes a diversas idades e fases da sua vida.

Das primitivas conta-se o sarcofago de S. Francisco da Perugia allusivo á discussão no templo na infancia de Cristo, e o baixo relevo em marfim de Milão, sobre o mesmo assunto.

Ha um dyptico de Milão em que Cristo está sentado sobre um globo.

A indumentaria das primitivas Imagens de Jesus Cristo é identica: a tunica talar, algumas vezes bandeada, como nos mostram os mosaicos de S. Cosme e Damião e quasi sempre calçado de sandalias.

Com o caminhar dos tempos a arte foi progredindo e com novos elementos fornecidos pela historia, pelas tradições, doutrina dos concilios e manifestações de piedade, surgiu m os grandes quadros, os mestres insignes, as maravilhas pictoraes que opulentam os museus e se encontram esparsos pelo mundo christão fóra.

Quer na pintura, quer na escultura o tipo primitivo da super menciona la imagem do cemiterio de S. Calixto persiste, fundamentalmente inalteravel, apenas modificado pelo engenho dos pintores e dos escultores.

Do Cristo crucificado, em Portugal, a mais esplendida representação escultural é a imagem existente na capela do Bom Jardim, dos marqueses de Borba.

E' o Cristo de tamanho natural expirante, ao soltar, no meio de angustias incomportaveis, o derradeiro alento: os olhos semi-cerrados alvejando no macerado rosto, onde sobresaem os livores cadavericos, traduzem a m is indescriptivel afflicção.

Fique aqui revelada a existencia de uma artistica e autentica preciosidade.

Um notabilissimo soprano em Lisboa

O sarau realizado a 10 do corrente no Conservatorio Nacional de Musica, constituiu uma verdadeira revelação para nós: Madame Mordovtzera-Kaledina, condessa de Ratziborg, — a qual percorre as principaes capitaes da Europa com o fim de angariar recursos para os refugiados russos, — possui uma das mais extraordinarias vozes de soprano dramatico. Voz de uma potencia rara e de maviosissima suavidade, soube enlevar o publico, o qual era constituido por pessoas da nossa melhor sociedade, achando-se tambem presentes alguns representantes da diplomacia.

A par do encanto da musica, deu-nos a condessa de Ratziborg uma rara sensação de arte: a dos seus riquissimos trajes regionaes russos, executados segundo as aguarelas especialmente feitos para Madame Kaledine pelo grande pintor Bakst. Os damas-



Condessa de Ratziborg

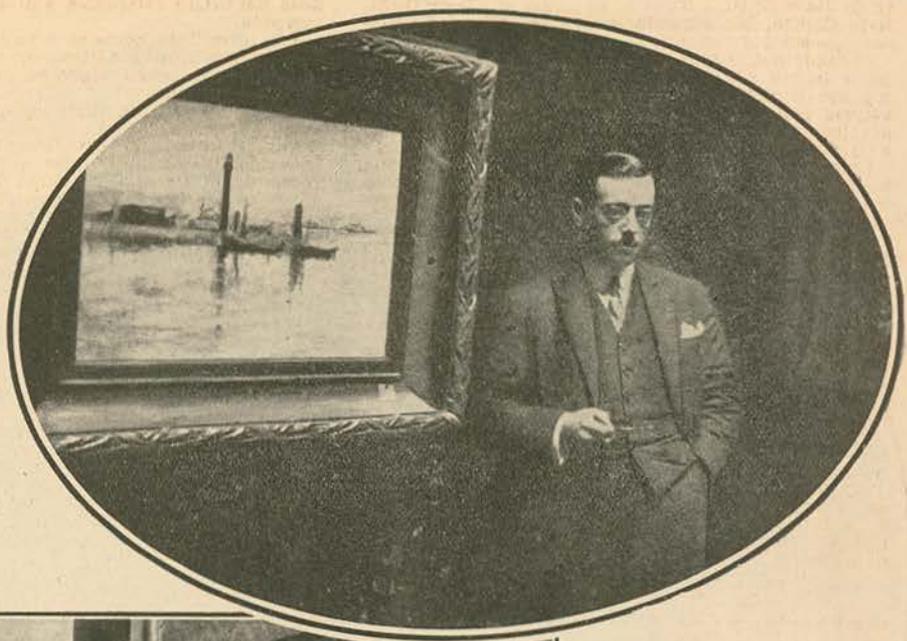
cos, as perolas e as pedrarias, harmonisando-se deslumbrantemente, surgiram-nos em uma visão de «Mil e uma noites». Sob o diadema scintilante em forma de coração, os estranhos olhos da cantora velaram-se de misterio. Na «Berceuse Triste», de Rachmaninov, a sua voz arrebatou-nos: foi inegualavel!

Madame Kaledine, instantemente rogada, talvez nos proporcione mais algumas audições em Lisboa. Esperamos que ela seja tão bem acolhida entre nós como o foi no estrangeiro, e que ao despedir-se de Lisboa a condessa de Ratziborg possa levar, a mitigar-lhe um pouco a dôr de se vêr hoje sem Patria, sem filhos e sem fortuna, — a certeza de que em Portugal tambem ha corações generosos e almas de artistas.

L. de A. N.

TRÊS EXPOSIÇÕES ARTÍSTICAS

No salão Bobone foi inaugurada, no dia 10 do corrente, uma exposição de quadros a óleo (márvins) do sr. Anibal de Faro e Oliveira. A nossa gravura representa o artista junto de uma das telas expostas



Na casa Castanheira também, no dia 17, o sr. Teles Machado inaugurou a sua exposição de quadros a óleo e gouaches, dando, a gravura junto, uma idéa de conjunto da referida exposição junto da qual se vê o artista expositor



Finalmente, na sede da Sociedade Propaganda de Portugal acha-se franqueada ao publico uma outra exposição, de desenhos, do sr. Bento Corrêa



Carne, um dos desenhos expostos



Bento Corrêa
o expositor

(Clichés Salgado Segura.)



Estilo, outro dos desenhos expostos

UMA SÉRIE DE CONGRESSOS



A mesa da sessão inaugural do Congresso Nacional de Electricidade realizado no dia 16 do corrente, sob a presidência do chefe de Estado, e com a assistência dos srs. ministros do Interior, Marinha, Guerra e Instrução.

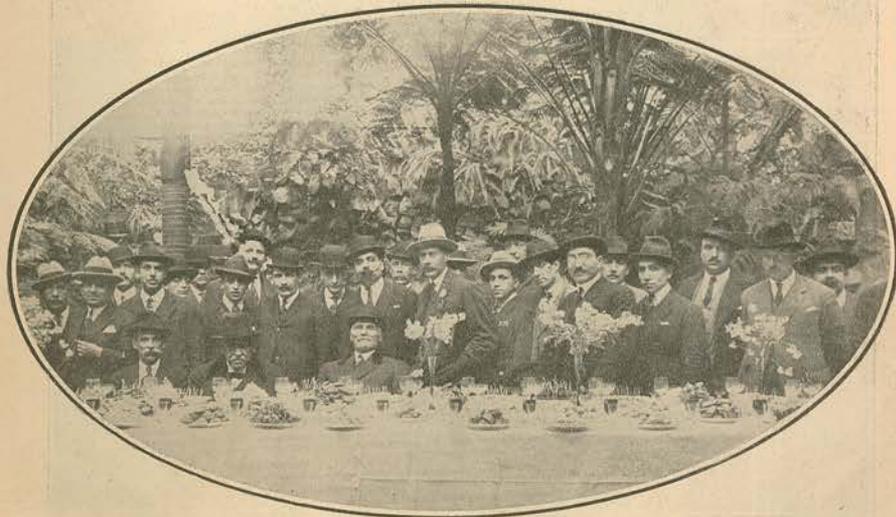


Carlos J. d'Oliveira Abreu Nunes Barros Virgolino Daniel Marques Guilherme Duarte Rodrigues Ivo Estrela

A comissão organizadora do Congresso Nacional de Electricidade



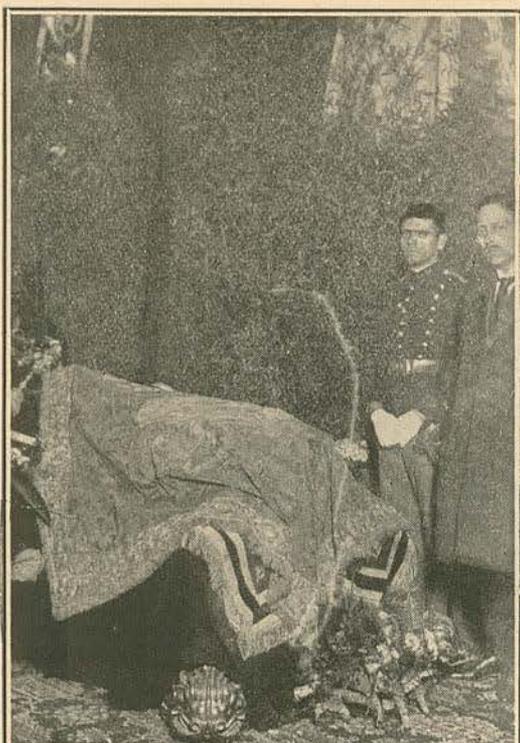
Um aspecto da sessão inaugural do Congresso do Partido Nacionalista, realizado no Ginásio do Liceu Camões, no dia 17 do corrente, sob a presidência do sr. Ramiro Guedes e com uma assistência de cerca de 1000 congressistas.



Os membros do Congresso Provincial da Extremadura cuja sessão inaugural se realizou nos Paços do Conselho, em 17 do corrente, por ocasião do chá que, no dia seguinte, lhes foi oferecido, no Parque Eduardo VII (Clichés Salgado.)

OS FUNERAES DE BASILIO TELES

REALISADOS, EM MATOSINHOS, NO DIA 12
E, NO PORTO, NO DIA 18



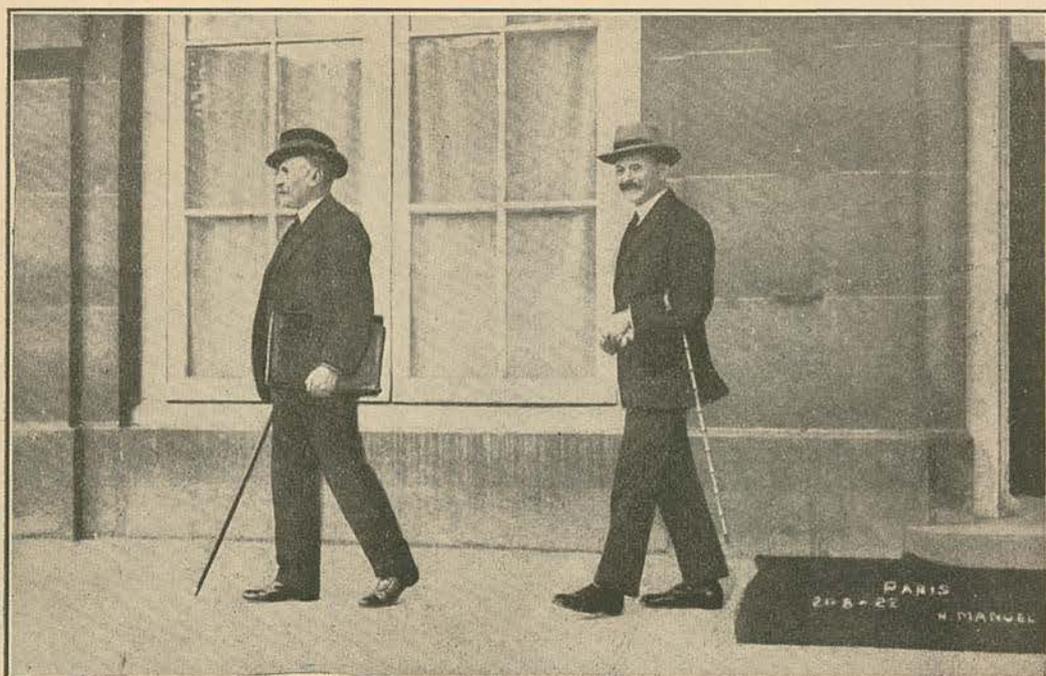
Aspecto da camara ardente momentos antes da urna funera-
ria ser inhumada no Cemiterio do Prado do Repouso

A saida do prestito funebre do edificio da Camara Municipal
de Matosinhos

O saimento funebre a caminho do Cemiterio de Matosinhos, onde o caixão esteve temporariamente depositado

O perigo, para o mundo, do militarismo francez

DUAS FOTOGRAFIAS TIRADAS NO MESMO DIA (21 d'agosto de 1922)



Marechal Foch

General Weigand

O ESPIRITO GUERREIRO DA FRANÇA!



Marechal Hindenburgo

General Ludendorf

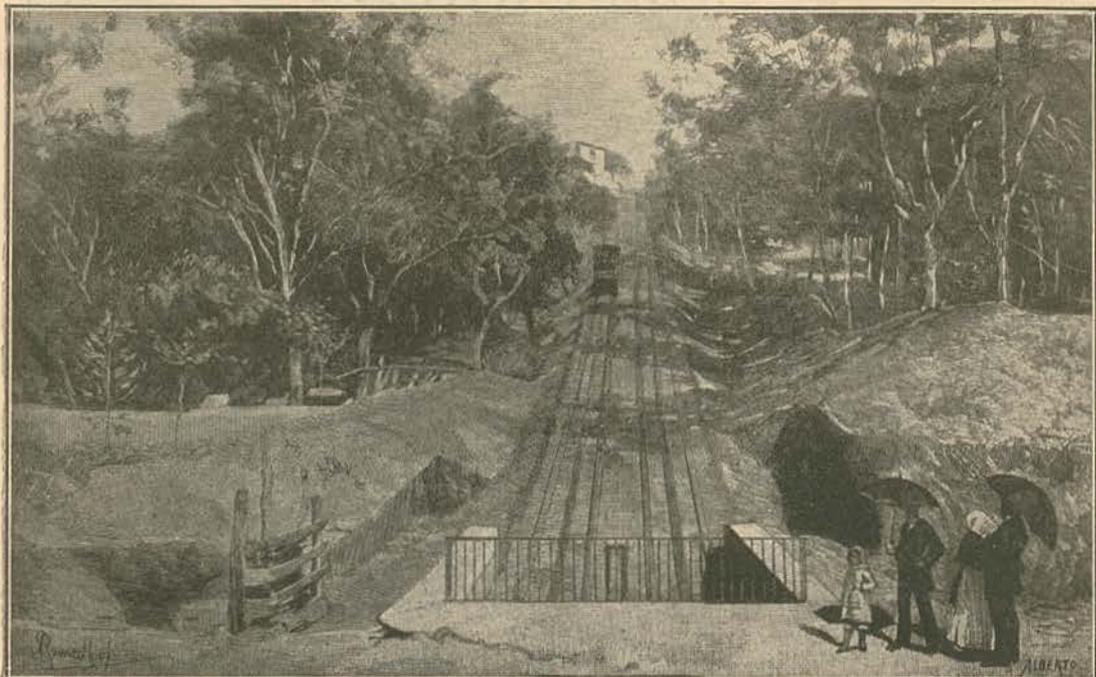
O ESPIRITO PACIFISTA DA ALEMANHA

Interessante contraste reproduzido d'uma *plaque* de propaganda franceza, editada em varias linguas

ICONOGRAFIA DE JESUS CRISTO



Ha Muitos Anos...



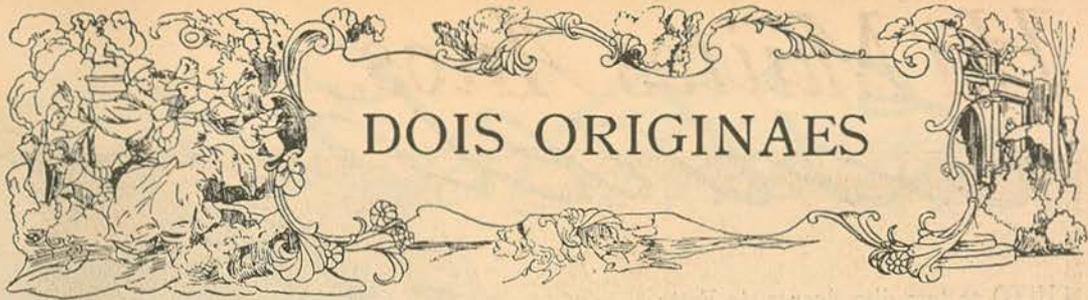
Fez 41 anos no dia 20 do corrente que os peritos encarregados de procederem á vistoria ao elevador do Bom Jesus do Monte, em Braga, declararam o mesmo elevador em condições de ser franqueado ao publico. A nossa gravura representa o respectivo plano inclinado, visto de frente.

(O Ocidente n.º 121—1 de maio de 1882.)



Em 21 de março de 1888, ha, portanto, 35 anos, deu-se, no Porto, a horrivel tragedia que foi o incendio do Teatro Baquet, em que morreram cerca de 100 pessoas. A gravura que publicamos representa as ruinas do edificio incendiado, do lado da rua Sá da Bandeira, e o aspecto d'esta rua no dia seguinte ao incendio

(O Ocidente n.º 334—1 de abril de 1888.)



DOIS ORIGINAES

“A vida d’um rapaz gordo,, no AVENIDA
 “A prima inglesa,, no S. LUIZ

ANDRÉ Brun, com a sua *Vida d’um rapaz gordo*, lembra-nos alguém que pretendesse misturar intimamente azeite com agua, deitando os dois líquidos numa vasilha e agitando antes de usar, na convicção de que tinha obtido uma substancia homogenea: por mais esforços que esse alguém empregasse, os dois líquidos separar-se-iam, quando em repouso, azeite á superficie, agua por baixo. No caso presente, o azeite é a nota comica e a agua a dramatica; e cada instante o azeite aparece, predominando em quantidade e em qualidade.

Posto isto, díremos que a mistura servida uma noite destas pela companhia Cremilda-Chaby, no teatro *Avenida*, não nos enjouou, apesar da agua não ser do Luso, nem mesmo de Canecas, mas do contador caseiro, isto é, sem paladar extremamente delicado; por outras palavras—a peça agradou-nos, já pelas suas proprias condições, já porque nos trouxe á memoria varias obras que havíamos saboreado com muito prazer, *Le martyre d’un obèse*, *Poliche* e *Peau neuve*. Rimos, rimos francamente com as referencias á obesidade da personagem que deu o nome á peça, como ninguém poderia deixar de rir ouvindo Chaby Pinheiro chasquear do seu volume e do seu peso, e ouvindo sua esposa recommenda-lo para companheiro a uma colega, por ser muito de apreciar na intimidade e não o prejudicar a adiposidade, demastadamente.

Quanto a comovermo-nos com o sacrificio da mesma personagem, que segue como um fraldiqueiro a mulher amada e o amante desta por essa provincia fóra, e se junta por fim a uma desvergonhada de infima especie, pedimos licença ao André Brun para lhe dizermos que perdeu o seu latim, como latim perdido são as nebias da sua actriz, que só como tal se revela no 3.º acto, porque se caracterisa—declamando as piegulces desenhadas das meninas dos 4.º andares da rua de S. Marçal. Se não nos comovemos, porém, se neste ponto André Brun não atingiu o alvo desejado, nem por isso, repetimos, a sua peça nos descontentou; agora teve ela a vida efemera de todas as peças que as empresas, por falta de fé ou por q alquer outra circunstanca, só apresentam em vespas de se despedirem; mas quando resuscitar, na proxima época teatral, já com os papéis decorados, com a marcação apropriada, de modo que as figuras, no 2.º acto, não se imobilissem quasi interminavelmente, com o preterito perfeito do indicativo do verbo *poder* bem sabido por certo artista, que diz *eu*

póde, em vez de *eu pude*, com menos abundancia de *calmos* por *tranquillos*, e quando o autor se convencer de que a *couturière* parisiense não é a *costureira*, mas sim a *modista*, em português, então a *Vida d’um rapaz gordo* fará a gloriosa carreira d’algumas das outras obras de André Brun, mesmo aguada, como está.

Uma menina de origem portuguesa, residente em longinquoas paragens Inglesadas e de visita á terra de seus pais, serviu de tema a Paulo da Camara e a Luna de Oliveira para a sua opereta *A prima inglesa*, temperada com o *choradinho* e outras tristeszas musicais, por Filipe Duarte.

Tambem na *Prima inglesa* ha azeite e agua, mas aqui o azeite—a graça, no nosso felicissimo *simile*—é em tão pequena dose que, se não entrassem na peça Sofia Santos e Vasco Sant’Ana, estamos em que não dariamos pela presença d’esse ingrediente. No entanto, não julgue o leitor que na mistura predomina a agua; aqui, temos um tercelro elemento—o azougue, ao qual a humanidade tanto deve, e que na *Prima inglesa* é representado por Auzenda d’Oliveira, essa enladrada pequena de 25 anos permanentes, e, á força de lidar com calças, vestindo de homem tão real e perfeitamente como eu ou o leitor.

A ela, aos artistas citados e a Aldina de Sousa, devem Luna de Oliveira e Paulo da Camara uma prima inglesa de cera, além da que a estas horas terão dado ao Senhor dos Afiltos pelo engenho com que na verdade os dotou; e essa offerta lhe devem, pela resistencia demonstrada n’um 2.º acto das suas duas horas bem puxadas, resistencia tanto mais admiravel quanto dela não compartilharam alguns espectadores, incluindo o signatario destas linhas.

Era meia noite e meia hora quando recolhíamos a casa, perdida a esperanza de vermos subir o pano para o 3.º acto, antes de romper o sol. Como, porém, já tínhamos aplaudido os autores e outras pessoas merecedoras desse magnifico teste—umho do nosso parcimonioso apreço, á semelhança do que havíamos praticado com relação a André Brun e seus interpretes, julgámo-nos dispensados de averiguar o desfecho da peça e suficientemente habilitados a dar ao leitor estas ligeiras e bem intencionadas impressões.

MARIO COSTA.



Luna d’Oliveira, um dos auctores de *A prima inglesa*



André Brun, auctor da *Vida d’um rapaz gordo*



José Paulo da Camara, o outro auctor de *A prima inglesa*

"Estrelas" e "Azes" do Cinema

MUITO se tem dito acerca de Fatty, depois da liquidação do processo em que ele foi réu, acusado do crime de assassinio na pessoa duma das suas companheiras de trabalho; uns afirmaram que Fatty iria desempenhar o cargo de «metteur-en-scène» dum importante «studio» americano, outros que o actor abandonaria a sua vida artistica, enfim, foram inumeros os boatos, mas, ao que parece, de todos eles apenas se consegue apurar um facto real: os seus compatriotas não lhe perdoaram o ter tomado parte num drama... ele, o rei dos cómicos.

A ultima versão, trazida até nós pelos ultimos jornais francezes, é que Fatty partirá dentro em breve para o Japão, onde pensa fixar residencia, abandonando o cinema e entregando-se á exploração dum café-restaurant. Parecenos acertada a ideia, pois não foi «Fatty-barman» o titulo duma das suas melhores produções?

— O «film» francês «Os tres queiteiros» foi exhibido na America sob o titulo «Milady», tendo sido anunciado como seguimento do «film» de Douglas! Não é só cá que elas sucedem.

— Depois da partida de Pola Negri para os Estados Unidos, contratada pela grande sociedade cinematografica norte-americana, é Asta Nielsen, que dentro de pouco tempo embarcará para Los Angeles, para aí ir «filmar» tres grandes produções, adaptadas de Ibsen. E' um verdadeiro exodo dos artistas alemães para a America.



Maria Jacobini, apreciada actriz italiana, que muito se tem distinguido nas produções da Fert-Film

— Até aqui Charlie Chaplin, que passa por ser o mais rico artista americano, tem-se contentado em ganhar «dollars» com o seu silencio, aliás tão expressivo, tão genialmente inteligente. Mas, eis que a voz do celebre cómico se ajunta ás suas faculdades artisticas. Uma companhia fonografica americana obteve dele a exclusividade de discos falados mediante a quantia de 2 000 «dollars» e 10 por cento sobre a venda.

— Bébé Daniels, que tinha ido substituir Agnès Ayres durante a sua doença, acaba, por seu turno, de ser operada da apendicite, pelo que teve de ser substituida por Agnès na filmagem da pelucida «Exciters» com Antonio Moreno, isto é: invertiram-se os papeis.

— Noticias de New-York anunciam que Rodolfo Valentino, o joven e celebre actor do cinema, principal interprete do «film» «Os quatro ginetes de Apocalypse», acaba de desposar miss Wilfred Hadnut, filha do conhecido multimillionario Hadnut.

Esta cerimonia, que não fez mais do que regularizar uma anomala situação, é o epilogo dum verdadeiro romance de amor e aventuras. Ha um ano que Valentino obteve, do tribunal da California, a dissolução do seu primeiro casamento com Joan Acker. Foi tres dias depois que ele raptou a filha do multimillionario americano, fugindo ambos para o Mexico, onde casaram segundo os preceitos da lei mexicana. Quando da sua volta aos Estados Unidos foi preso, sendo-lhe instaurado um processo em que o acusavam de bigamia. Esta acusação foi, contudo, rejeitada pelo tribunal, que não reconheceu o casamento celebrado no Mexico. Sómente agora, passados os doze mezes de interregno, Rodolfo Valentino conseguiu desposar aquela que ele já considerava como sua verdadeira mulher.

— O pequeno «az»... perdão, «pequeno» em idade, pois ainda não tem meia duzia de anos, Dinky Dean, acaba de fazer a sua estreia no «film» «O peregrino», que está despertando grande curiosidade.



Uma das mais formosas estrelas do écran: Agnès Sorel, a mais linda mulher da França



EILEEN SEIDGWICK

EDDIE POLO

GRACE DARMOND

ELMO LINCOLN

FIGURAS & FACTOS



Aspecto da sessão solenne realisada no dia 18, no Posto de Desinfectção do Porto de Leixões, para entrega do colar da Torre e Espada ao patrão do salvo-costas Leixões, sr. José Habano, e de medallas e premios pecuniarios a outros bravos marinheiros que, com risco imminente de vida, salvaram os tripulantes do lugre-escuna dinamarquez Feliz, naufragado em 13 de Janeiro de 1922



L. Mendonça e Costa

Antigo jornalista, director da Gazeta dos Caminhos de Ferro e empregado superior da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, falecido no dia 19 do corrente



Jorge Freire Garcez

Autor do Tox Trot "Oh! My Dear!" que acaba de ser posto á venda, com grande exito



Modelo dos selos comemorativos da 1.ª avessia aerea do Atlantico Sul, que substituirão os selos comuns nos dias 30 e 31 do corrente e 1 d'abril



A assistencia, ao almoco em honra do actor brasileiro Leopoldo Froes, oferecido, no Café Tavares, pelos artistas port. guizes, por iniciativa do actor Carlos Leal: (da esquerda para a direita): sentados: Fernando Pereira, Ema d'Oliveira, Sofia Gallini, Leopoldo Froes, Maria de Lourdes Cabral, Eduardo Fernandes e Carlos Leal; de pé: Romualdo Figueiredo, Eduardo Reis (filho), Judio Jereolis, Armando Ferreira, Eduardo Reis (pae), Estevan Santos, Henrique Pio, Alfredo de Sousa, Arnaldo Machado, Santos Carvalho e Rosa Mateus. (Cliché Fotografia Brazil.)



Maria Adelaide

Filhinha da sr.ª D. Beatriz Antunes Godinho e do tenente sr. Carlos Alberto Godinho, recentemente falecida, com 3 e meio anos de idade, na Covilhã



O Director Geral dos Arquivos de França, sr. Charles Langlois, vindando, no dia 12 do corrente, o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em companhia de sua esposa, os srs. ministros de França e o major sr. Ferreira de Lima. Na fotografia figura, tambem, o sr. dr. Laranjo Coelho, conservador do Arquivo, que recebeu os illustres visitantes.

(Cliché Salgado.)



A scena da entrada dos Reis de Pino Crú, da interessante revista Pontos e virgulas, representada em recita de cordão, no dia 9 do corrente, no teatro S. João, no Porto, pelos estudantes portuenses

(Cliché André Moura.)



A comissão encarregada de indicar o material didactico e escalar a adquirir da Alemanha, por conta das reparações, instalada, no dia 12, pelo sr. ministro da Instrução

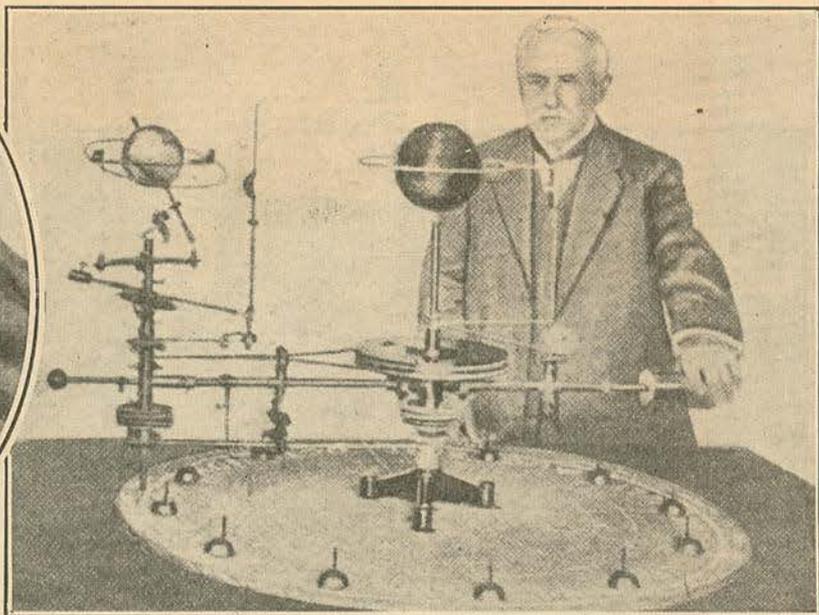
(Cliché Salgado.)

O ESTRANGEIRO EM FÓCO



A rainha Milena

Viuva do rei Nicolau, de Montenegro, e mãe da actual rainha da Itália, falecida no dia 16 do corrente



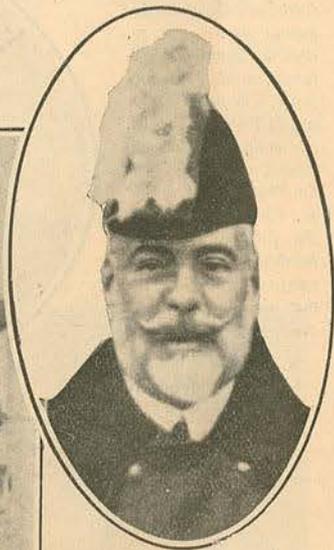
REPRESENTAÇÃO DO SISTEMA SOLAR

Trabalhando n'um pequeno laboratório, instalado nas trapeiras de sua propria casa, um engenheiro astrônomo inglez, o dr. William Wilson, realisou uma serie de aparelhos cujo conjunto constitue uma verdadeira reprodução, em miniatura, do sistema solar. Todos esses aparelhos funcionam com rigorosa precisão e permitem, além d'outras applicações que teem, prever, durante tempo ilimitado, a natureza, a data e as caracteristicas de todos os eclipses parciais da terra, do sol e da lua.



A travessia do Sahara em automovel

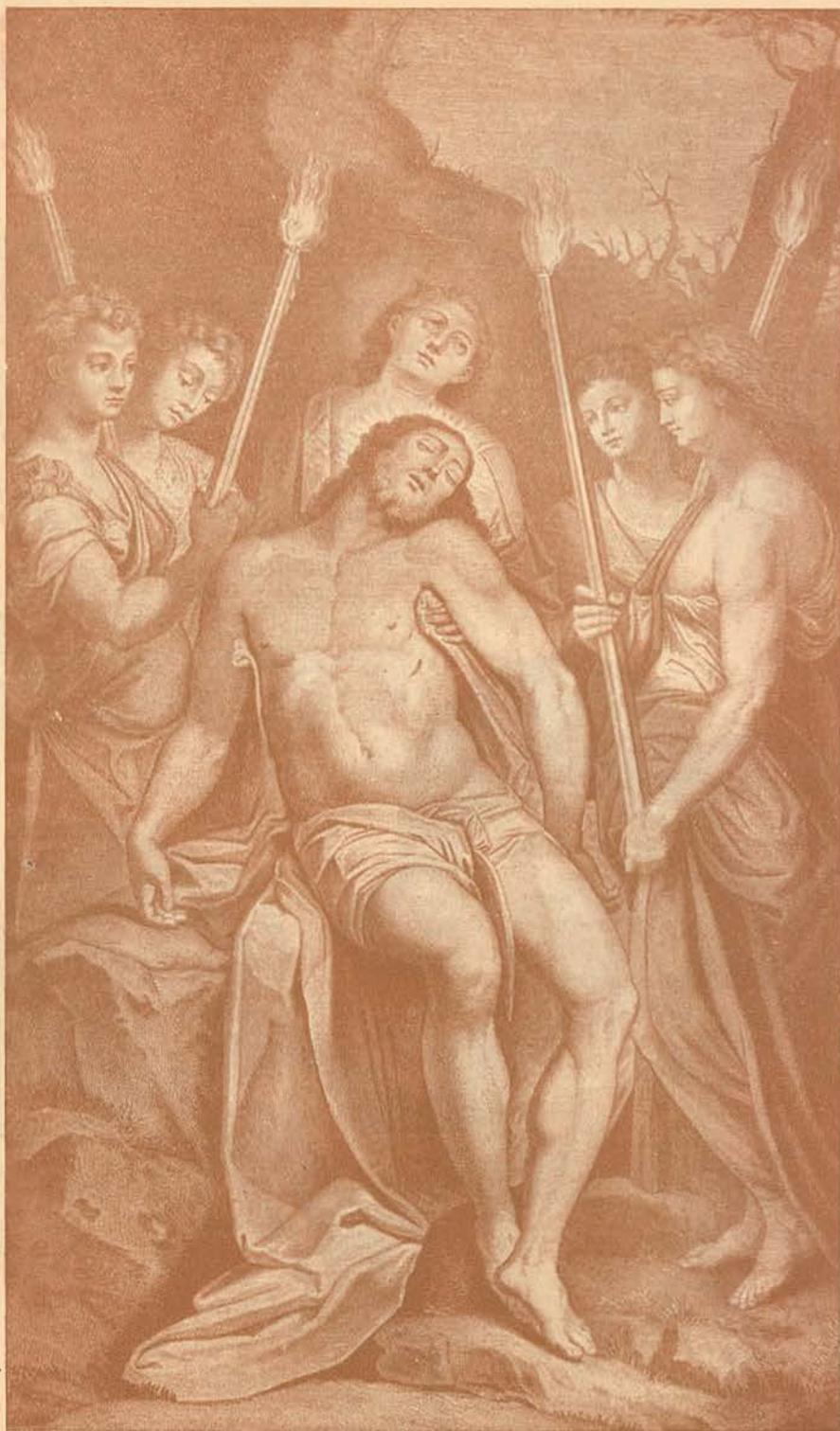
Regressou a Paris, no dia 17, a missão franceza Haardt-Audouin-Dubreil que acaba de realizar a travessia do Sahara em automoveis. A nossa gravura representa Haardt (3.º a contar da esquerda) e Audouin-Dubreil (1.º da direita) ao serem recebidos pelos notaveis de Foggaret-az-houa.



D. Manuel Alendosalazar

Antigo presidente do Conselho e illustre homem politico espanhol, falecido em Madrid, no dia 13 do corrente

Iconografia de Jesus Cristo



JESUS CRISTO NO SEPULCRO

Federigo Zuccaro
(Seculo XVI)

Adquirido pelo cardeal de Rovena
e oferecido á Catedral de Reims

Alpaca Elegante



NOS chapéus, como na moda geral, não se nos deparam neste começo de primavera modificações sensíveis.

As formas, na grande maioria de dimensões médias, entram francamente na cabeça, até junto das sobrancelhas, quasi ocultando por completo os cabelos que, apenas dos lados, a encobrir as orelhas, e avançando um pouco pelas faces, se descobrem em pequenas madeixas, negligentemente ondeadas.

Esta maneira de colocar o chapéu, o qual deve ficar bastante descaído para traz, é gentil e favorece, em geral, as fisionomias, com tanto que não se abuse do *enfocement*, porque neste caso o efeito obtido é perfeitamente antagónico ao que se procurava, isto é, em vez de se conseguir um realce de beleza, consegue-se um afeiamento sensível, porque não ha nada que mais prejudique um rosto de mulher do que occultar-lhe as sobrancelhas.

Mas vamos ao que a moda preceitua este ano sobre chapéus.

De dimensões médias, as formas são, na quasi totalidade, providas duma pequena aba um pouco *cloche*, que noutros modelos se levanta num *ar gavroche* e sobre a qual são dispostas as guarnições, ou á volta do chapéu, ou apenas no lado direito, no ponto onde a aba deve descair num movimento brusco.

Estas formas são de setim, de *tulse* de crina ou de palha, — tecido que este ano se empregará muito, principalmente na cor amarela-dourado, — em tafetás e... em alpaca!



Em alpaca, sim, queridas leitoras, porque a moda, na sua ancia de apresentar novidades, nem mesmo se demora a inquirir se este ou aquele capricho que de momento lhe ocorre, pôde ser filiado entre os que o são razão, a estetica e o bom gosto per-filham.

De resto, o bom gosto é tão contestavel, hoje, tão convencional, que quasi não vale a pena preocuparmo-nos com o pensamento de não infringir as suas leis basilares.

Resolveu-se que se usaria este ano chapéus de alpaca, como já se tem usado de organdi, de *piquet*, etc.

Seja. Vamos com a moda, já que ela dispõe do poder de nos arrastar atraz das suas fantasias.

E' claro que estes chapéus de alpaca são em genero simples, destinados, principalmente, a acompanhar os *tailleurs* praticos. Como forma compreende-se que se escolha para este fim as *cloches* e os *bretons*, sobre os quais, o tecido, bem esticado, ostenta todo o seu brilho característico. Os chapéus de alpaca guarnecem-se apenas com uma fita em volta da copa, um *cabochon* de metal, qualquer cousa simples e desprestenciosa, em-fim, que lhe imprima a indispensavel nota de elegancia, sem lhe dar toques fortes.

As cores preferidas para os chapéus são, este ano, na maioria, escuras: *tête de nègre*, verde, azul e preto, o que não obsta a que se nos deparem modelos compostos em cores mais garridas, que são deliciosas para buscar o realce a rostos gentis, *parés* de mocidade e alegria.



AGARENA DE LEÃO.



A modernização no Comercio

UM GRANDE ARMAZEM DE MATERIAL METALURGICO



Carlos Ferreira da Rocha



Joaquim Raimundo Amado



Latino Nunes Ferreira



Antonio Gonçalves da Silveira

Corresponder ás necessidades da vida industrial é um dever que tem de guiar a missão do commercio que com essa vida se relaciona todos os dias. Os commerciantes possuidores do verdadeiro sentido das intensas relações modernas entre o fornecimento de accessorios e utensilios e o complemento de certas industrias — intensificam tambem, cada vez mais, as facilidades da aquisição desses materiaes, procurando manter os seus «stocks», em todos os seus tipos diversos, todas as suas dimensões, todas as suas qualidades. Isto é o que timbra em fazer o commercio de metalurgia, no estrangeiro. Entre nós, esta norma tinha pouco quem a praticasse. Mas, agora, aparece uma firma conceituada a realizá-la exube-

rantemente, em uma forte manifestação de actividade e numa lúcida compensão do papel do commercio actual.



Fachada do estabelecimento

Assim, foi inaugurada no dia 12 do corrente, na Rua da Boa-Vista, 54, uma casa grandiosa, que fica sendo das primeiras entre as boas instalações da Lisboa de hoje.

A firma que a estabeleceu é a proprietaria da acreditadissima loja de ferragens da Rua Nova do Almada, 13 e 15, — Rocha, Amado & Latino, Limit.^a. Os distintos negociantes que a compõem e que são os nossos amigos srs. Carlos Ferreira da Rocha, Joaquim Raimundo Amado,

Latino Nunes Ferreira e Antonio Gonçalves da Silveira, foram ao encontro das exigencias diarias da industria de caldeiraria, canalisação,

acabamento mecanico e todas as que necessitem de guarnições e artefactos metalicos, abastecendo a nova casa com uma quantidade inumeravel dos seguintes materiais:

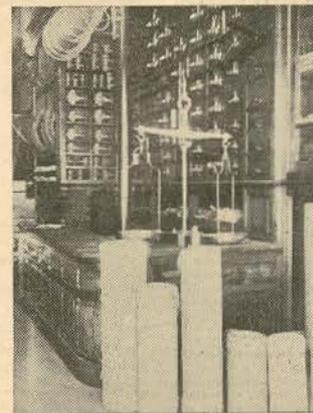
«Cobre», chapas, fundos, tubos, varões, vergalhões, barras e arame. «Latão», chapas, tubos redondos e quadrados, varões redondos, quadrados e sextavados, barras rectas e de meia cana, cantoneiras, rédes, teias e arames redondos e de meia cana. «Zinco», chapas lisas perfuradas, lingotes e varetas. «Metal branco», chapas, varões e arames. «Aluminio», chapas lisas, estriadas e lavradas, varões, cantoneiras lisas e estriadas, tês, baguettes, e varios perfis proprios para «carrosseries», e arames. «Chumbo», chapas, arames e barras. «Aço», chapas, barrinhas, arames redondos e quadrados e varetas. «Estanho», barrinhas e lingotes. «Nikel», chapa. «Metal» para chumaceiras. «Ferro», arames queimados redondos de meia cana, arames cru, estanhado, zincado, cobreado e coberto de algodão de varias côres, redes e teias de ferro zincado,

estanhado e pintado; torneiras, valvulas, manómetros, escovas de aço para tubos, escovas de aço de varios tipos, escovas circulares com arame de aço, escovas circulares com arame de latão, sabão para polir metaes, sabão «rouge» para nikelagem, soldas fortes, soldas de estanho e soldas para aluminio.

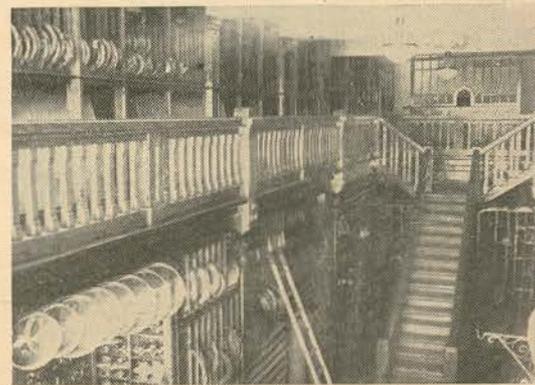
De tudo isto se encontram no novo armazem de Rocha, Amado & Latino L.^{da} as mais diversas estruturas, medidas e porções em que todos os industrias podem fazer a mais exigente escolha.

Tanto pela sua completa e vasta provisão de artigos como pela elegante e solida linha da sua construção e do

seu revestimento, que é feito em mogno e espinheiro polidos e dominado por uma longa galeria



Trecho dos balcões e mostruário de valvulas e torneiras



Trecho da escadaria e da galeria

Renascença, a casa inaugurada na Rua da Boa Vista, 54, tem merecido as encomiasticas atenções de numerosos visitantes e de clientes mais numerosos ainda, cuja opinião é a de que, com o aparecimento deste grande armazem mo-

derno, não mais haverá dificuldades na encomenda de artefactos e materiais de metalurgia.



AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A' BI-
BLIOTECA DA
**ILUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA,**
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

A MÃE DE TODOS OS VICIOS, por Agostinho de Campos

E' o quarto volume dos «Ensaio sobre Educação». O eminente professor, a que se deve a obra magnífica intitulada «Casa de Paes, escola de filhos», e sob cuja direcção se está publicando a benemerita obra que é a «Antologia Portuguesa», reuniu, no tomo agora vindo a lume, com o título da primeira das crônicas que nele se enfileiram, uma serie de trabalhos, verdadeiramente notáveis, respeitantes, na sua quasi totalidade, ao problema educativo. Homem que sabe pensar e sabe escrever como os que melhor o fazem, desempoeirado, corajoso na clara exposição das suas opiniões, o sr. dr. Agostinho de Campos versa assuntos de um flagrante interesse, entre os quaes figuram «a mulher e a politica», a «autonomia universitaria», «os que estudam para ladrões», «o problema actual da educação», «as escolas de pesca», as «pensões de estudo fóra do paiz», «o romance e o cinema», a «disciplina», «a comuna burocratica», «meditações de um mestre-escola», etc. São trinta e tres capitulos cheios de esplendidos conceitos, de acerada critica, de lições que convinha aproveitar, ditadas, quasi todas, por uma segura observação e por uma experiencia de largos anos. «A mãe de todos os vicios» é livro para ter um lugar de honra na estante de mestres e discipulos, como os da serie a que pertence. A sua leitura e a sua meditação recomendam-se como das mais proveitosas nas actuaes circunstancias.

O MEU BREVIARIO, por D. Alberto Bramão

O illustre poeta das *Ilusões perdidas* interrompeu o seu longo silencio, dando á estampa um punhado de «maximas e reflexões», com o título de *O meu breviario*. São, como ele diz na interneeccora dedicatória a sua mulher, um «resumo ora serio or risonho das crencas e idéas» que os homens e os factos inspiraram ao autor no decurso da existencia. D. Alberto Bramão recorda a definição de Rivarol, que disse serem as maximas «a sabedoria em pilulas». As deste livro caracterizam-se, nomeadamente, por um admiravel bom senso. Muitas são repassadas de leve humorismo, outras encerram profundidade de conceitos e todas denunciam um raro equilibrio de espirito e uma acuidade de pensamento que colocam o autor entre os que tem com exito cultivado o genero. *O meu breviario* faz sorrir e faz reflectir. Com a sua doutrina estarão de acordo todas as almas boas. Algumas definições podem considerar-se modelares de justeza e de concisão e certas maximas emparelham com as mais perfeitas dos mestres.

A RELIGIÃO DO ESPAÇO, por João Ameal

O moço escritor João Ameal acaba de acrescentar a sua já interessantissima bagagem literaria com uma nova novela, *A religião do espaço*, cujo protagonista é um aviador a quem denominam «Parsifal», nome que exprime o seu caracter de estranha formosura, coisa rara neste mundo de perversões e baixezas. João Ameal

MANOEL DA ALDEIA—Teve outra vez 7 valores. Quanto ao soneto, tem razão: é melhor não o classificarmos.

A. SILVA SANTOS—Os teus olhos levam o caminho da Saúde. Onde estará ela a estas horas!

«Canção da Primavera»

Por deslize tipografico deixaram de se indicar, no anterior numero da *Ilustração Portuguesa*, o título e nome do autor do quadro, que constitue a sua esplendida capa. Trata-se da *Chanson du Printemps*, do grande pintor francez William Bouguereau.

possue, incontestavelmente, um belo talento literario, transviado, todavia, pela febre da originalidade. A esta, sacrifica tudo o novellista, e de um modo particular o estilo que, amilde, chega a surpreender-nos e a irritar-nos pela preocupação do inedito e pela ausencia de propriedade, o que é mais grave. Os inegaveis meritos de João Ameal, um dos primeiros entre os jovens cronistas de hoje, estão de ha muito confirmados e hão de impôr-se decisivamente no dia em que ele abandonar o processo de construir frases orquestraes com prejuizo do sentido que devem conter. Será muito moderno, muito singular este voluminho de *A religião do espaço*, mas João Ameal, se quizesse, porque lhe sobejam os recursos, poderia tel-o escrito com a pureza e a elegancia de forma que o regra caracterizam as obras que nunca envelhecem. Estou certo de que, em futuros trabalhos do genero, a fecundidade borbulhante da sua encantadora pena deixará de acusar os exotismos estilisticos em que tanto se compraz neste momento. E assim lhe exige quem sinceramente confia nos triunfos que lhe res rva o dia de amanhã.

PALADINOS DA LINGUAGEM, ANTOLOGIA PORTUGUEZA

Acha-se publicado o terceiro volume dos *Paladinos da linguagem*, trabalho organizado pelo sr. dr. Agostinho de Campos que, numa erudita introdução de cerca de sessenta paginas, se occupa, com a sua elevada competencia geralmente reconhecida, quer de «o caos grafico», quer de «a linguagem portugueza no Brazil». O volume encerra trechos de quarenta e um escritores portuguezes e brazileiros dos mais illustres, em que se tecem os louvores da lingua, se exaltam as suas formosuras, se contribue para a sua historia e se faz com autoridade a sua defeza. A *Antologia* é dos trabalhos mais benemeritos que tem saído dos prelos nacionaes. A critica, incluindo a estrangeira, considera-a, com justissima razão, um admiravel serviço e nós, recomendando-a com entusiasmo, estamos convencidos de que cumprimos o mais patriotico dos deveres.

A. de A.



PAGINA INFANTIL

'A ESPERTEZA D'UM CÃO



HA MUITOS ANOS, N'UM CONVENTO, DAVAM TO-
DOS OS DIAS UM BOM PRATO DE SOPA A CA-
DA POBRE QUE TOCASSE A PORTA.



POR MUITO TEMPO UM ESFOMEADO CÃO
OBSERVOU A MANEIRA COMO OS POBRES
RECEBIAM OS SEUS JANTARES.



UM BELO DIA RESOLVEU
FAZER COMO ELES...



...E O FRADE QUE LÁ DE DENTRO
NÃO VIA QUEM BATIA POZ NA
RODA MAIS UM APETITOSO JANTAR...



... QUE FOI COMIDO COM
VALENTE APETITE.



MAIS TARDE, DOIS FRADES DERAM COM
A ESPERTEZA D'AQUELE POBRE QUE NÃO-
COMIA COM COLHER...



... MAS, ACHARAM-LHE TANTA GRACA
QUE, D'AÍ EM DEANTE, O CÃO CONTINUOU A SER
SERVIDO COMO UM POBRE DO CONVENTO.



ESFINGIA



ENIGMA

Dedicado a todas as ex.^{mas} colaboradoras d'esta secção

Cinco letras tem meu todo,
Todas elas desiguaes,
Consoantes, são só tres,
As que sobram são vogaes.
A primeira e a segunda,
A quarta, mais a final,
Dão todas quatro seguidas,
Armadura vestial.

Juntando a quarta e ultima
A' primeira e á segunda,
Vê-se apetrecho de jogo,
Que nos clubs muito abunda.

A quarta mais a segunda,
Juntas á primeira e quinta,
Dão refugio de animal,
Feito sem que ninguém sinta...

Primeira, quinta, terceira,
Quarta, ultima e mais nada,
Dão sinonimo de pura,
Honesta e bastante honrada.

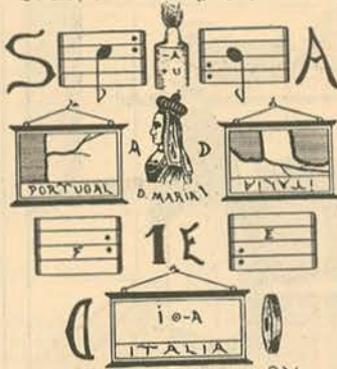
Quarta, segunda, terceira,
Prima e quinta por final,
Dá-nos tempo de um verbo,
E mais, peça teatral.

Para findar, vou dizer,
Que o conceito é conhecido,
Tanto pode ser reverseo,
Como vulgar apelido.

Porto

Do 16

ENIGMA FIGURADO À NOSTRA CONFEIÇÃO



PRÊMIO DO SPHINGIS CLUB

Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Enigma: Saramago.
Charadas em verso: Alardo, Eternamente.

Enigma pitoresco: Ou para homem ou para cão, leva a tua espada na mão.
Charadas em frase: Morsa, Talho.
Logogrifo: Misterio insondavel.

CHARADAS EM VERSO

Amores Perfektos

Guardo a tua flor como guardara
Uma reliquia santa; e, todavia,
Meu amor,
O teu amor perfeito
Jaz murcho, jaz desfeito...
—Pobre flor!

Não vê tu que lhe falta a luz doirada
E o ar puro do campo; a madrugada
E o sol posto...
(Assim eu sofreria,
Se me faltasse, um dia,
O teu rosto...)

Ao seu canteiro humilde, as borboletas
Fam beijal-o alegres, indiscretas...
E ao luar,
No calix, a Querida,
Dormitava, esquecida...
A sonhar!

Logo de manhã cedo, os passarinhos
Fam cantar-lhe ao pé, fazendo os filhos...
E a regal-o
O jardineiro ia,
Mál soava a cotovia,
Ou o galo...—2

Hoje, a pobre flor nada d'isso tem,
E por isso s'esvae, sem que ninguém
A reanime...
E foste tentadora!
Por minha causa, a autora
D'esse crime!

A'manhã, quando só pó d'ela houver,
E' possível que tu, gentil mulher,
Mulher linda!—3
Já não penses na flor
Que, com tão raro amor,
Guardo ainda!

Talvez... Mas ouve: dentro do meu peito
Despontou também um amor perfeito
Singular...
Brotou, mas só vigora
Aos lampejos da aurora
D'esse olhar!

Vem uma borboleta cõr de rosa
N'ele poisar, ás vezes, recessa...
E', criança,
Uma triste ilusão
Que alma doira em vão,
D'esperança...

Don-te este amor perfeito; ell-o, Maria...
Mas deixa-o no canteiro, á luz do dia
D'esse olhar.
...Não seja como o teu...
Que colheste e morreu...
Deixa-o estar!

Conserva-o sempre junto ao coração,
E ás Trindades, faz-lhe uma oração.

Do 14

CHARADAS EM FRASE

CHARADAS EM FRASE

Desde que tomei juizo, tenho tido
imensa sorte—1—2.

Rei Vambas

*
Não tenho pena de quem é opulento,
mas sim de quem ás vezes se vê grego...
—1—2.

Vulcano (do Spthingis Club)

(Dedicada a Josolicos)

Adoro uma mulher, por ela ser mel-
ga—2—2.
Ovar

Selva

*
Fiquel córado ao ver um homem lan-
çar-se ao mar, de bordo de um barco.
1—1—1.

Macil

LOGOGRIFOS

Sobre o soneto «Na mão de Deus», de Antero de Quental, oferecido aos apaixonados por esta especialidade charadística.

Na mão de Deus, na sua mão direita,
10—16—27 3—12
descançou afinal meu coração,—16—2—
24—10—29
Do palacio encantado da Ilusão—13—18—
8—3—26
desci a passo e passo a escada estreita
10—24—22—20—16
Como as flores mortaes com que se en-
feita—19—11—5—16—28
a ignorancia infantil, despojo vão,—25—
16—13—6—21
depois do Ideal e da Paixão—3—24—27
15—24
a forma transitoria e imperfeita.—24—17
—1—24—16
Como a criança em lobrega jornada,—0
23—3—14—26
que a mãe leva no colo agasalhada...—
10—16—20—14—4
e atravessa, sorrindo vagamente,—7—16
5—28—16
selvas, mares, areias do deserto...10—16
—3—21—5
dorme o teu sono, coração liberto,—7—15
—24—3—11
dorme na mão de Deus eternamente!

Baal (do Spthingis Club)

Indicações uteis

No proximo sabado saíraõ publicadas na Ilustração Portuguesa as decifrações das produções inseridas n'este numero.

—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Seculo* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, entregues até cinco dias após a saída d'este numero, ás 16 horas, na sucursal do Rocío.

—Todas as produções devem vir escritas em separado, e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tinta da China.

—Os originaes, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

QUADRO DE HONRA

Teobaldo—Do 16—Amelia Ferreira—Jojovi—Sant'ana—Club do Silencio—Valver e—Junior—Morgado & Minhoto—Josolicos—Marco Lino—Mis Flux—Do 14—S. Palo—C. Sillei—Dr. Mostarda—A. Gomes—diragra—T. A. Martins—Osorrab—Alberto Reis—Romeu—Dama oculta—Flor ndo Marques—Onalcul—M. A. Mello—Violeta

Campeões decifradores do penultimo numero.